

AUTISMO E USO EXCESSIVO DE TECNOLOGIA: DIFERENCIANDO O TRANSTORNO DOS IMPACTOS COMPORTAMENTAIS

Jessica Luiza de Araújo Canhaço¹ Thaylany da Silva Nogueira² Daniel Bernardo da Rocha³
Maria Margarete Salvate Brasil⁴

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Carlos-FAMESC –UniFAMESC, Unidade Bom Jesus do Itabapoana, 2º Período A.
E-mail: luizacanhaco@gmail.com

² Graduanda do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Carlos-FAMESC –UniFAMESC, Unidade Bom Jesus do Itabapoana, 2º Período A.
E-mail: nogueirathayne18@gmail.com

³ Graduando do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Carlos-FAMESC –UniFAMESC, Unidade Bom Jesus do Itabapoana, 2º Período A.
E-mail: danielrochabernardo@gmail.com

⁴ Mestre em Língua portuguesa, membro do corpo docente do UniFamesc- FAMESC- UniFAMESC, Unidade Bom Jesus do Itabapoana.
Email: margarete_sb@yahoo.com.br

Eixo Temático: Dimensão Social (ODS 3: Saúde e Bem-Estar)

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é atualmente compreendido como uma condição neurológica complexa, caracterizada por alterações significativas que se manifestam precocemente no desenvolvimento da comunicação e das interações sociais, além de apresentar comportamentos repetitivos e interesses muito focados. Hoje em dia, um dos principais desafios na realização de diagnósticos clínicos é distinguir entre traços do TEA genuínos e comportamentos que podem ser consequência do uso excessivo de telas e dispositivos eletrônicos. Crianças que permanecem longos períodos em contato com esses aparelhos podem demonstrar dificuldades de socialização, repetição de falas, resistência a mudanças e busca por experiências sensoriais específicas, comportamentos que podem ser similiares ao transtorno do espectro autista.

Atualmente, um dos maiores desafios no diagnóstico clínico é diferenciar entre traços autísticos reais e comportamentos que surgem devido ao uso excessivo de telas e dispositivos digitais. Crianças que passam muito tempo expostas a esses aparelhos podem apresentar comportamentos como dificuldade em se socializar, repetição de falas, resistência a

mudanças e busca por sensações específicas, o que pode lembrar características do TEA.

Assim, uma avaliação completa que abranja diversos aspectos é crucial para o diagnóstico. Uma conversa detalhada com os pais e responsáveis, é um ponto de partida para o diagnóstico ou plano de tratamento, é algo essencial para investigar o desenvolvimento da criança, os hábitos familiares em relação à mídia e a resposta a tentativas iniciais de intervenção. Essa forma de analisar mostra como a capacidade de identificar nuances clínicas, junto com o entendimento de como a tecnologia afeta o desenvolvimento, é fundamental para orientar famílias, educadores e profissionais de saúde a cuidarem integralmente de crianças e adolescentes, assegurando que recebam o tratamento que preze por seu bem-estar.

Objetivo Geral

O objetivo deste estudo é examinar como o uso excessivo de dispositivos digitais pode estar ligado ao surgimento de comportamentos que lembram ou intensificam sinais do Transtorno do Espectro Autista (TEA). A intenção é esclarecer quais sinais clínicos são importantes para um diagnóstico correto e criar recomendações para ajudar famílias e especialistas.

Objetivos Específicos

- Detalhar os aspectos principais do TEA, explicando as bases do transtorno no cérebro e seu funcionamento.
- Fazer uma comparação cuidadosa entre os sintomas do TEA e os problemas causados pelo uso excessivo de tecnologia, destacando as diferenças cruciais entre eles.
- Avaliar os métodos de avaliação clínica e as perguntas importantes a serem feitas para garantir um diagnóstico diferencial preciso.
- Estudar como o tempo excessivo em frente às telas afeta o desenvolvimento do cérebro, o pensamento, as habilidades sociais e as emoções de crianças e adolescentes.
- Sugerir conselhos práticos, baseados em pesquisas, para promover o uso saudável da tecnologia e o desenvolvimento de habilidades de comunicação e interação social.

METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado com base em uma revisão integrativa da literatura, realizada a partir de uma pesquisa detalhada em artigos científicos indexados nas plataformas SciELO,

BVS e no Portal de Periódicos da CAPES. Foram consultadas também obras de renomados doutrinadores e autores da área. As palavras-chave empregadas na busca foram: "Transtorno do Espectro Autista", "Diagnóstico Diferencial", "Neurodesenvolvimento", "Saúde da Criança", "Saúde do Adolescente" e "Desafio Clínico".

Os critérios de inclusão abrangeram artigos completos, publicados entre 2018 e 2024, nos idiomas português e inglês. A análise dos materiais selecionados seguiu uma abordagem qualitativa de análise crítica de conteúdo, com o objetivo de integrar as descobertas da neurologia do desenvolvimento com perspectivas da psicologia comportamental, fonoaudiologia e terapia ocupacional, para a construção de um panorama clínico abrangente e funcional sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica complexa que se manifesta precocemente na infância, gerando impactos profundos e duradouros no desenvolvimento, como demonstrado por Almeida (2024). Por outro lado, a exposição excessiva a dispositivos digitais tem gerado comportamentos que, embora se assemelhem superficialmente aos traços autísticos, possuem uma natureza distinta, relacionada principalmente a fatores ambientais e comportamentais, conforme destacado por De Faria e De Souza Borba (2024). Segundo Tazawa (2024), a exposição prolongada a conteúdos digitais condiciona o cérebro a níveis elevados de estimulação, dificultando o envolvimento em interações sociais e atividades rotineiras, representando um desafio adicional no contexto da saúde da criança e do adolescente.

Crianças submetidas a essa realidade podem manifestar desinteresse aparente, atrasos na aquisição da linguagem, irritabilidade quando privadas dos dispositivos e interesses circunscritos ao universo digital - conjunto sintomatológico que pode mimetizar as dificuldades sociocomunicativas do TEA.

A neuroplasticidade cerebral e o sistema de recompensa desempenham papel crucial nesse processo. Como explica Stravogiannis (2021), estímulos digitais intensos podem comprometer o desenvolvimento de áreas cerebrais responsáveis pela atenção compartilhada e regulação emocional, mediados pela liberação exacerbada de dopamina. Importa destacar, contudo, que tais manifestações representam padrões comportamentais aprendidos e potencialmente reversíveis, diferentemente da base neurológica do TEA, conforme sustenta Kerches (2022).

A distinção entre essas condições demanda avaliação clínica criteriosa. O histórico desenvolvimental revela-se fundamental: enquanto os indicadores de TEA emergem precocemente, antes dos 24 meses, os padrões associados ao uso de telas manifestam-se posteriormente à introdução habitual dos dispositivos. (Fernandes, Santos e Morato, 2018) .

A abrangência dos prejuízos também se mostra elucidativa: no TEA, as dificuldades perduram, enquanto no uso abusivo de tecnologia observam-se prejuízos seletivos, notadamente em contextos sociais não estruturados. Ademais, a resposta apresenta diferenças marcantes: os padrões vinculados à superexposição digital frequentemente melhoram com a redução guiada do uso e introdução de estímulos alternativos, ao passo que o TEA demanda suporte especializado contínuo, conforme orienta o Conselho Federal de Fonoaudiologia (2022).

Paradoxalmente, a tecnologia pode constituir ferramenta valiosa no contexto do TEA mediante aplicação criteriosa de Sistemas de Comunicação Alternativa e Ampliada, desde que devidamente planejada e supervisionada, conforme diretrizes do Ministério da Educação (Brasil, 2008). Para casos de uso abusivo, Tazawa (2024) recomenda intervenção multifatorial envolvendo reestruturação da rotina digital, enriquecimento ambiental e orientação familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu concluir que, embora existam similaridades comportamentais, a diferenciação entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os impactos do uso excessivo de tecnologia é crucial e possível mediante uma avaliação clínica criteriosa. Conforme demonstrado, a abrangência dos prejuízos e a resposta à intervenção são determinantes.

Evidencia-se, portanto, a necessidade de os profissionais de saúde realizarem uma anamnese detalhada que inclua os hábitos digitais da criança, a fim de evitar diagnósticos equivocados. A avaliação deve considerar o contexto sociofamiliar e o desenvolvimento global do indivíduo, indo além da observação pontual de comportamentos.

Paradoxalmente, como também discutido, a tecnologia, quando utilizada de forma planejada e supervisionada, pode ser uma ferramenta valiosa no suporte a indivíduos com TEA (Brasil, 2008). Contudo, para casos de uso abusivo, intervenções que promovam a reestruturação da rotina digital, o enriquecimento ambiental e a orientação familiar mostram-se essenciais para a mitigação de seus efeitos negativos.

Por fim, ressalta-se que o objetivo final é garantir que cada criança receba um diagnóstico preciso e um suporte adequado às suas necessidades específicas, seja ele um acompanhamento especializado contínuo para o TEA ou uma mudança de hábitos para os casos de superexposição tecnológica. Cabe aos adultos, familiares e profissionais da saúde e educação promoverem um uso equilibrado dos dispositivos, garantindo que o desenvolvimento socioemocional, baseado em experiências e interações humanas significativas, seja prioritário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Flavio Aparecido de A. **Autismo: uma abordagem multiprofissional**. São Paulo: Editora Científica Digital LTDA, 2024. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-729-3.pdf> acessado em 09/09/25.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acessado em 12/09/25

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA (CFFa). **Guia de Orientação: Atuação Fonoaudiologia no Transtorno do Espectro do Autista**. 2022. Disponível em: <https://fonoaudiologia.org.br/nota-de-esclarecimento-sobre-protocolos-clinicos-e-diretrizes-no-tratamento-de-individuos-com-transtorno-do-espectro-autista-2/>. Acessado 12/09/25

DE FARIA, Maria Elisa Vaz; DE SOUZA BORBA, Marcia Guaraciara. **AUTISMO E SUAS POSSÍVEIS CAUSAS**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 6, p. 3097-3104, 2024.

FERNANDES, Amanda Dourado Souza Akahosi; SANTOS, Jamile Ferreira; MORATO, Giovana Garcia. **A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano**. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 29, n. 2, p. 187-194, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/141694> Acessado 18/09/25

KERCHES, Deborah. **Autismo: ao longo da vida**. Literare Books, 2022.

MACHADO, Mariana Mattos Manhães; CARDOSO, Sergio Luis. **O uso da Tecnologia em Sala de Aula com Alunos com TEA: uma Revisão Sistemática da Literatura**. Revista Brasileira de Informática na Educação, v. 33, p. 583-604, 2025.

STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena. **Autismo: um olhar por inteiro**. Literare Books, 2021.

TAZAWA, Camila Akemi Pimentel. **Genética e interação ambiental no autismo: uma revisão sistemática**. 2024.